



A LOUCURA ENTRE NÓS: UM OLHAR SOBRE A REFORMA PSIQUIÁTRICA NO BRASIL

José Amande da Silva¹
Orientador: Maurício Wisniewski²

Resumo: *O objeto deste trabalho é o documentário “A Loucura entre Nós”, da diretora Fernanda Vareille, inspirado no livro do médico psiquiatra Marcelo Veras. A ação do filme ocorre dentro do espaço do Hospital Psiquiátrico Juliano Moreira em Salvador/BA. Os enquadramentos do espaço físico, em especial do portão de acesso a área interna, nos lembra da exclusão imposta aos chamados doentes mentais. Nesse contexto, aparecem personagens que irão evoluindo nos mostrando a dificuldade em avaliar os limites entre a loucura e a razão. Esse documentário mostra como a Reforma Psiquiátrica humanizou o sistema de atendimento a pessoa em sofrimento mental.*

Palavras-chaves: Psicologia, Loucura, Reforma Psiquiátrica.

Introdução

Ao falar de luta manicomial e direitos humanos, percebemos o aumento da produção de filmes e documentários que retratam os manicômios e hospitais psiquiátricos, geralmente, numa abordagem jornalística investigativa. Nesse contexto, o documentário “A loucura entre nós” mostra um outro olhar sobre a questão do tratamento psiquiátrico e a saúde mental, numa narrativa que apresenta o cotidiano de internos e de duas personagens atendidas pela ONG Criamundo dentro do hospital psiquiátrico e de saúde mental Juliano Moreira em Salvador/BA. É uma reflexão sobre o que é sanidade mental e com a enxergamos. O documentário tem duração de setenta e seis minutos e foi inspirado no livro do médico psiquiatra Marcelo Veras. Levou aproximadamente três anos de filmagem dentro do hospital e mais um ano para a finalização, sendo sua primeira exibição ao público em 2015. A diretora Fernanda Vareille optou em retratar a realidade do hospital de uma ótica dos internos, selecionando as pessoas e histórias que mostram o quão difícil é identificar os limites da loucura e da razão.

Objetivos

Refletir sobre a humanização no processo de tratamento de pessoas em sofrimento mental ou doentes mentais.

Debater sobre como a loucura é vivenciada pelas personagens centrais do filme (Elisângela e Leonor).

Metodologia

¹Acadêmico do 2º período do curso Bacharelado em Psicologia da Faculdade Sant’Ana, IESSA, joseamande@gmail.com

²Doutor em Educação – UFPR, Coordenador e Docente do curso Bacharelado em Psicologia da Faculdade Sant’Ana, IESSA, profmauriciowis@gmail.com

Partindo da visualização do filme, fez-se a busca do fio condutor da narrativa, centrada principalmente em duas personagens (Elisângela e Leonor) e do espaço físico onde se desenvolve a maior parte do documentário. Em contraponto as narrativas principais, aparecem as falas de alguns internos do hospital Juliano Moreira. Na análise desse contraste percebemos a evolução dos tratamentos a pessoas com problemas ou transtornos mentais numa perspectiva mais humana. Devido ao tema e o gênero cinematográfico do material em foco, foi necessário a busca de fundamentação teórica em autores como Michel Foucault, Gilles Deleuze além das bases legais da legislação brasileira sobre o tema.

Resultados parciais e discussão

A Lei da Reforma Psiquiátrica - lei 10.216 de 2001 – (BRASIL, 2018) é uma linha divisória no que diz respeito à dignidade humana das pessoas com transtornos mentais. Pois, as legislações anteriores prescreviam mais a exclusão do que a integração do doente mental à sociedade. Em a História da Loucura, Foucault nos conta que essa exclusão começa com a criação dos leprosários no início do cristianismo (FOUCAULT, 1978). Eles recebiam os doentes de lepra e, mais tarde, pacientes de doença venérea além de outros excluídos da sociedade como os chamados de loucos. A proposta da Reforma Psiquiátrica para os hospitais é a de transformá-los de locais de reclusão para espaços terapêuticos de fato. É um processo que abarca a reconstrução do referencial epistemológico sobre a saúde mental, atualização da legislação, criação de práticas sociais mais integrativas e a aplicação efetiva dos conceitos de cidadania e direitos humanos.

A Lei 10.216 traz em seu texto os direitos e proteção das pessoas com transtornos mentais sem qualquer forma de discriminação. Nesse sentido também contribuiu para a desinstitucionalização da pessoa com transtornos mentais, criando os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) e vagas em hospitais gerais. Sendo que a organização dos serviços ocorre de forma hierárquica e regional.

O Hospital Juliano Moreira, em Salvador/BA, foi uma instituição criada em 1874 para ser um manicômio (“Asylo”, “Hospício”, “Hospital”) e que na década de 1970 passou por transformações no rastro da Luta Antimanicomial. É nesse espaço que ocorre a ação desse filme. Com traços de manicômio, portões de ferro, cadeados e grades, além de alas para os pacientes internos que interagem através desses portões. Esse aspecto do filme nos remete a ideia de quadro apresentado por Deleuze:

“O enquadramento é a arte de escolher as partes de todos os tipos que entram num conjunto [...]O sistema fechado determinado pelo quadro pode ser considerado em relação aos dados que ele comunica aos espectadores: ele é informático, e saturado ou rarefeito.”
(DELEUZE, 1983)

Pelo enquadramento desses espaços físicos, que ao mesmo tempo divide o mundo interno do hospital com o mundo exterior, traz-nos a lembrança do tempo em que o hospital era um local para isolar as pessoas excluídas da sociedade. Na época do filme, o hospital abrigou um trabalho da ONG Criamundo (FRANÇA, 2013) que desenvolve oficinas profissionalizantes para as pessoas atendidas pelo hospital. É nesse contexto que os pacientes internos e clientes do Criamundo desenvolvem a história. Destacam-se duas narrativas a de Elisângela que é uma mulher jovem apresentando traços de doença mental, já em tratamento, mas reincidente de outras internações e atendimentos. Outra personagem é Leonor uma mulherativa, sensível,

artista, madura, sofisticada e que em quase todo o filme demonstra um discurso coerente que nos faz duvidar de sua condição como paciente em tratamento.

Para Alencar *et al.*(2013, *apud* BALLONE, 2006), a sanidade da pessoa, muitas vezes, é avaliada pelo senso comum de forma superficial e as pessoas são rotuladas através de seus comportamentos, adequação a convivência sócio-culturais e outras normas referentes a cada época. Esses elementos variam, pois, a saúde física e mental não é uma condição estática e o ser humano. Além disso, os acontecimentos psicossociais também alteram o equilíbrio da pessoa com o meio onde vive.

No filme, o estranhamento causado pela evolução das personagens centrais, está na base do conceito de *percepção e afecção* de Deleuze, fazendo-nos ir ao encontro da nossa subjetividade nas memórias com a realidade. Esse espaço de criação é onde o espectador se abre para uma potência em criar coisas e novos sentidos. Não há explicação para a obra/filme, mas sim a construção subjetiva de cada telespectador aos diversos signos apresentados. As duas personagens vivem nos limites da realidade e buscam a reinserção e aceitação na sociedade em que vivem. Sejam elas na família ou no reconhecimento de seu trabalho. São de realidades sociais diferentes, mas que passam por questionamentos e momentos comuns durante o processo de tratamento. Uma dessas realidades é o tratamento feito em um hospital psiquiátrico, participando de atividades de reintegração ao mundo do trabalho (oficinas do Criamundo) e o recebimento gratuito de medicação através dos CAPS, conforme cenas onde a Elisângela recebe a medicação pelas atendentes do CAPS. Isso é bem diferente de realidades existentes em épocas passadas dentro de hospícios e manicômios, onde, muitas vezes, os internos eram tratados como “coisas” e não como seres humanos.

Considerações Finais

Como resultado das pesquisas e discussões sobre o filme, percebemos os avanços da Reforma Psiquiátrica e as possibilidades de integração de pessoas diagnosticadas como doente mental à sociedade. Em paralelo percebemos o quão sutil pode-se apresentar a loucura que nos leva ao questionamento sobre quais são os limites da sanidade.

É importante ressaltar os avanços no atendimento à pessoa com sofrimento mental buscando tratá-la e mantê-la em ambiente onde ela possa ter seus vínculos afetivos e sociais e se integrar de forma mais efetiva à sociedade.

Esse documentário nos faz refletir sobre a fragilidade psíquica e sobre as políticas públicas e instituições que tratam das pessoas em sofrimento mental.

Referências

A LOUCURA ENTRE NÓS. Direção de Fernanda Fontes Vareille. Produção de Fernanda Fontes Vareille e Amanda Gracioli. Salvador: Águas de Março Filmes, 2016. (76 min.), DVD, son., color.

ALENCAR, Ana Verônica de; ROLIM, Solange Gonçalves; LEITE, Pollyanna Nayara Belém. **A História da Loucura**. Id *online* Revista de Psicologia. Ano 7. Nº 21, Novembro/2013. Disponível em: <http://idonline.emnuvens.com.br/id>. Acesso em: 10 set 2018

BRASIL. LEI Nº 10.216, DE 06 DE ABRIL 2001. Brasília, DF. Seção 1. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/LEIS_2001/L10216.htm. Acesso em: 06 set 2018.

DELEUZE, Gilles. **A Imagem-Movimento**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

FOUCAULT, Michel. **História da Loucura**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.

FRANÇA, Wilker. **Inventa-mundo: o lugar de uma instituição orientada pelo discurso da psicanálise**. Revista @gente Digital – Publicação da Escola Brasileira de Psicanálise. Seção Bahia. Vol. 3. Nº1. 2013. Disponível em: <http://www.ebbbahia.com.br/agente/site/2016/07/14/inventa-mundo-o-lugar-de-uma-instituicao-orientada-pelo-discurso-da-psicanalise/> . Acesso em: 06 set 2018.